

A INFLUÊNCIA DA AUTOESTIMA NO DESEMPENHO ESCOLAR

*Débora Cedro Mendes**, *Karine Lobo Castelano***
*Livia Mattos Martins****, *Claudia Caixeta Franco Andrade*****

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo identificar os personagens formadores da autoestima infanto-juvenil e analisar o seu grau de influência no desempenho escolar, na percepção de alunos e professores. Foram comparados alunos de escolas públicas e privadas através de questionários de pesquisa e por meio da escala de Rosenberg (1979). Aplicou-se também um questionário aos professores. Participaram deste estudo 112 crianças e adolescentes, de dez a 17 anos, do 5.º ano do ensino fundamental, e 28 professores de anos variados. Os resultados mostraram, de um modo geral, pontuação mais elevada que a média. Houve diferença estatística significativa na pontuação de alunos de escolas públicas e privadas. Porém, essas diferenças não foram significativas estatisticamente em relação ao gênero e à idade. A maior parte dos alunos considerou a opinião de pais, professores e amigos como um fator importante para a elevação da autoestima.

Palavras-chave: Aprendizagem. Desempenho escolar. Autoestima.

THE INFLUENCE OF SELF-ESTEEM IN SCHOOL ACCOMPLISHMENT

ABSTRACT

The present study aims to identify, from the perception of students and teachers, aspects that shape the teenagers' self-esteem, analyzing its influence on their school accomplishment. Based on the analysis of answers in questionnaires, the percep-

* Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Endereço para correspondência: Rua Romário Gomes, n.º 5, Jardim Flamboyant, CEP 28905-030, Cabo Frio (RJ). E-mail: debora_mendece@live.com

** Doutoranda em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Endereço para correspondência: Rua Padre Carmelo, n.º 135/201, Parque Califórnia, CEP 28013-045, Campos dos Goytacazes (RJ). E-mail: karineuenf@gmail.com

*** Doutora em Biociências e Biotecnologia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Endereço para correspondência: Rua Otacílio de Aquino, n.º 108, Bela vista, CEP 28360-000, Bom Jesus do Itabapoana (RJ). E-mail: liviammartins@gmail.com

**** Doutora em Ciências (Genética) pela Universidade de São Paulo (USP). Endereço para correspondência: Rua Durval de Souza, n.º 158, Alphaville, CEP 28024-430, Campos dos Goytacazes (RJ). E-mail: claudiacfa@yahoo.com.br

tions of students from public and private schools were compared through the use of the Rosenberg's scale (1979). A questionnaire was also prepared for their teachers. A total of 112 children and adolescents, from 10 to 17 years of age, in the 5th year of elementary school, and 28 teachers from varied years within basic education participated in this study. The results showed, in general, a higher score than the average. A statistically significant difference emerged between the scores of students from public schools and students from private schools. However, these differences were not statistically significant in relation to gender and age. Most students considered the opinions of parents, teachers, and friends as an important factor for raising their self-esteem.

Keywords: Learning. School accomplishment. Self-esteem.

LA INFLUENCIA DE LA AUTOESTIMA EN EL DESEMPEÑO ESCOLAR

RESUMEN

El objetivo de este estudio es identificar a los personajes formadores de la autoestima infantil y juvenil y hacer un análisis de su grado de influencia sobre el desempeño escolar, en la percepción de los estudiantes y de los profesores. Fueron comparados alumnos de escuelas públicas y privadas por medio de una encuesta y por la escala de Rosenberg (1979). También se aplicó un cuestionario a los profesores. Participaron de este estudio 112 niños y adolescentes de diez a 17 años del quinto año de la enseñanza fundamental y 28 profesores de diferentes grupos. Los resultados mostraron, de un modo general, puntuación más elevada que el promedio. Hubo diferencia estadística significativa en la puntuación de alumnos de escuelas públicas y privadas. Sin embargo, estas diferencias estadísticas no fueron significativas en relación al género y a la edad. La mayor parte de los alumnos considera la opinión de los padres, profesores y amigos como un factor importante para la elevación de la autoestima.

Palabras clave: Aprendizaje. Desempeño escolar. Autoestima.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos tempos, tem sido crescente o número de alunos com dificuldades de aprendizagem e baixo estímulo para estudar. Para que haja uma aprendizagem efetiva, são determinantes algumas condições básicas, como uma boa alimentação, um bom estado de saúde e um bem-estar físico. O indivíduo deve ser estimulado a aprender, livre de repreensão ao errar, a sentir-se aceito e valorizado pelo seu potencial. No entanto, segundo Fonseca (1995), a aprendizagem vai além da noção de comportamento; nela, estão implícitos conceitos psicológicos importantes.

Atualmente, a autoestima é vista como um dos indicadores sociais fundamentais para a compreensão do crescimento e do progresso pessoal (DIOGO, 2009). É um ponto decisivo a ser observado em um desenvolvimento pessoal sadio e completo em suas múltiplas áreas.

De acordo com os estudos de Brookover, Thomas e Patterson (1964), existe uma relação positiva entre autoestima e rendimento escolar. Uma das condições para o sucesso escolar é a manutenção de uma boa autoestima. Uma autoestima positiva está associada a um bom rendimento (BERMÚDEZ, 2001). No âmbito escolar, Stevanato *et al.* (2003) relatam que crianças com dificuldades de aprendizagem podem ter uma imagem mais negativa de si quando comparadas a outras que não apresentam essa dificuldade. Os alunos que geralmente fracassam podem ter, em parte, um baixo autoconceito, acreditando serem incapazes ou maus estudantes (GUENTHER, 1997).

Briggs (2002) define autoestima como a maneira pela qual um indivíduo se sente em relação a si mesmo, não se constituindo uma pretensão ostensiva, na medida em que há cultivo do autorrespeito e valor de si mesmo. Em suma, a autoestima se constitui em um juízo de valor expresso por meio de atitudes em face de si mesmo, sendo uma experiência subjetiva evidenciada aos outros através de relatos verbais e expressões públicas de comportamentos (COOPERSMITH, 1967; DEFFENDI; SCHELINI, 2014). A autoestima se faz relevante na educação, pois influencia a forma como o indivíduo estabelece suas metas e projeta suas expectativas para o futuro (BEDNAR; PETERSON, 1995).

Tendo isso em vista, a ideia que um indivíduo faz de si mesmo influencia diretamente o aprendizado escolar. Isto é, se ele se considerar incapaz, irá se comportar do mesmo modo, esperando falhar e deixando de acreditar na própria capacidade, assumindo o fracasso e a reprovação de si (BRIGGS, 2002).

2 FORMAÇÃO DA AUTOESTIMA

A infância é o período de início de construção da autoestima. Esta é projetada na medida da convivência da criança com seus pais, familiares, passando pelo convívio escolar, com os amigos e outras pessoas próximas, a partir do tratamento que deles recebe.

De acordo com Ackerman (1986), a família é unidade de desenvolvimento e realização, de saúde e enfermidade, de fracasso e experiências diversas. A família constitui a base, porquanto introduz a criança ao meio social, dando início ao processo de formação da autoestima e personalidade, que se aprimorarão pelo contato e interação com seus colegas e na escola.

As primeiras experiências proporcionadas pela família na tentativa de educar a criança se fazem de modo inconsciente. Estas tendem a permanecer por muito mais tempo que as programadas conscientemente. Os sentimentos nutridos pelos pais anteriormente à fase escolar são indispensáveis para a aprendizagem posterior. Esses sentimentos contribuem para o processo de desenvolvimento da formulação da ideia de si mesmo, do autoconceito, do conceito de mundo e do seu lugar nele.

Uma influência marcante sobre a autoestima é o sentimento de apoio demonstrado pelas pessoas mais próximas e consideradas importantes, aquelas que

fazem parte da sua vida. Isto é, quando a criança experimenta ser amada do jeito que é, tende a desenvolver uma autoestima mais alta do que as que disseram não ter recebido esse apoio (BEE, 2003).

A vida escolar também tem notável influência na autoestima dos indivíduos. Eles aprendem quem são por meio do tratamento recebido dos professores, do clima da sala de aula e das situações cotidianas (GUENTHER, 1997). Por muito tempo, estudos sobre aprendizagem não atentaram para as questões afetivas e sua influência no desenvolvimento da aprendizagem ou a abordaram apenas como parte da socialização (SISTO; MARTINELLI, 2006).

Segundo José e Coelho (1999), é muito comum pessoas delimitarem o conceito de aprendizagem à educação escolar, sendo fruto apenas do ensino. No entanto, este conceito tem um sentido mais amplo, compreendendo hábitos formados, questões de nossa vida afetiva, bem como aquisição de valores culturais anteriores à iniciação escolar.

Completando este raciocínio, Piaget (1988) explica que o desenvolvimento do intelecto é formado por dois componentes - o afetivo e o cognitivo -, que se desenvolvem em paralelo. O autor destaca que há vários aspectos do afeto a serem desenvolvidos. Este também apresenta várias faces, como os sentimentos de amor e ódio, e aspectos expressivos, como sorrisos, lágrimas e gritos. Segundo ele, a inteligência é desenvolvida no mesmo sentido do afeto, responsável pela ativação da atividade cognitiva.

As emoções devem ser levadas em conta na aprendizagem, pois podem influenciar no desenvolvimento escolar cognitivo. Uma formação negativa a partir da família e da escola poderá implicar sérios bloqueios quanto às múltiplas capacidades. Uma formação positiva, por sua vez, servirá de alicerce saudável na busca por conquistas presentes e futuras.

Segundo Voli (1998), há resultados mais satisfatórios no processo de ensino-aprendizagem quando o vínculo professor-aluno é positivo. O professor e os colegas significativos, depois da família, exercem também um papel importante no desenvolvimento do autoconceito, pois atuam como espelhos, contribuindo com a formação da autoimagem. A afeição é tida como sendo essencial para que haja ativação da estrutura intelectual ou cognitiva, influenciando diretamente a velocidade de construção do conhecimento (DAVIS, 1994).

É necessário, portanto, desenvolver pensamentos positivos e reais relacionados à autoimagem e à autoestima no ambiente escolar, uma vez que esse contexto ajuda consistentemente o desenvolvimento do educando (MOSQUERA *et al.*, 2006).

3 AUTOCONCEITO, AUTOIMAGEM E AUTOESTIMA

Para uma maior compreensão sobre “autoconceito”, “autoimagem” e “autoestima” faz-se necessário considerar o entendimento do “eu”, que foi substituído pela palavra *self*, representando o conjunto da personalidade. O *self* é a compreensão de si mesmo, da própria imagem, representando o que pensamos e acreditamos de nós mesmos, nossas ideias, atitudes, comportamentos com relação a quem somos. Sendo assim, *self* é a consciência que o sujeito tem de si próprio, uma coleção de pensamentos que formamos a nosso respeito. Dele partem conceitos sobre a autoimagem, a autoestima e o autoconceito (GOÑI; FERNÁNDEZ, 2009).

De uma forma geral, o autoconceito forma-se com a percepção que temos de nós mesmos a partir da interação entre o “eu” e o meio social (ZACHARIAS, 2012). Assim, apresenta um caráter descritivo – a autoimagem – e um avaliativo – a autoestima. De acordo com Mosquera (1987), autoconceito é o que pensamos ser, envolvendo o indivíduo quanto ao seu caráter, *status*, aparência e necessidade de se projetar além do tempo.

A autoimagem é como somos para nós mesmos. A partir da nossa autoimagem, enxergamos o mundo ao nosso redor. Normalmente, a imagem que uma pessoa tem de si é formada durante a vida com informações que lhe fornecem acerca de quem é; considerando que “a imagem de mim mesmo” pode ser um conjunto de crenças que adotamos como verdade, não necessariamente correspondendo ao real (GIORDANI, 1998).

A autoestima é o aspecto avaliativo de si. É construída a partir de comentários alheios e da interpretação pessoal desses comentários carregados de sentimento. A autoestima é a expressão de satisfação da autoimagem e do autoconceito, a parte visível socialmente.

Ao percebermos uma autoimagem e uma autoestima que mais se aproxime do real, sendo positiva, teremos uma relação interpessoal mais favorável. Uma autoimagem negativa pode causar conflitos diversos, pois tende também a criar a mesma imagem sobre tudo à sua volta. Pessoas que projetam uma imagem negativa de si tendem a ser pessimistas, não se achando capazes de alcançar seus ideais e, portanto, não fazendo o esforço necessário para tal, muitas vezes se apropriando de falas do tipo: “Nunca vou conseguir” ou “Sabia que isso não iria dar certo”.

A partir de um estudo correlacionando autoconceito, sucesso escolar e autoestima, foi concluído que quanto maior a autoestima maior o autoconceito acadêmico (FORMOSINHO; PINTO, 1986). A autoestima tem acentuada influência sobre o desenvolvimento intelectual, podendo tanto estimular e adiantar o processo de desenvolvimento da aprendizagem como diminuí-lo. Pode também determinar a motivação para o recebimento dos conteúdos e qual deles será o fator intelectual concentrado. Para Briggs (2002), a autoestima constitui a “mola” que pode impulsionar para o sucesso ou o fracasso.

4 MÉTODO

4.1 Participantes

Participaram deste estudo 112 alunos do 5.º ano do ensino fundamental, compondo um grupo de 82 alunos de escola pública e 30 de escolas privadas. Ao todo foram 46 alunos do sexo feminino e 66 do sexo masculino. A pesquisa foi realizada também com 28 professores de anos variados. Na rede privada, a pesquisa atingiu alunos de dez a 13 anos, com dois alunos associados à distorção idade-ano. Na rede pública de ensino, a idade variou entre dez e 17 anos, com 22 alunos fora do ano correspondente à sua idade, considerando a distorção idade-ano como sendo a diferença de dois anos ou mais.

4.2 Material

Foram utilizados três instrumentos de pesquisa: 1. Escala de Rosenberg (1979); 2. Questionário sobre a opinião de pais, professores e amigos quanto a si mesmo; e 3. Questionário aos professores sobre a influência da autoestima na aprendizagem.

4.2.1 Instrumentos

4.2.1.1 Escala de Rosenberg (1979)

A escala de Rosenberg (1979), também chamada de *Rosenberg Self-Esteem Scale* (RSES), foi um instrumento de pesquisa criado para “medir” a autoestima num contexto norte-americano. É uma das escalas mais utilizadas na mensuração de uma autoestima global. Com dez itens associados ao sentimento de valor e aceitação de si mesmo, é composta por perguntas intercaladas positiva e negativamente.

A escala adaptada e utilizada nesta pesquisa é constituída por oito itens (Quadro 1) - metade deles de caráter positivo e metade negativo. Neste estudo, adotamos as alternativas de três opções de respostas equivalentes à proposta original, atribuindo-lhes peso determinado para análise (POSITIVAS = 3, PARCIAIS = 2, NEGATIVAS = 1), mantendo a avaliação do tipo *Likert* (SBICIGO; BANDEIRA; DELL’AGLIO, 2010).

Quadro 1 – Escala de Rosenberg (1979) e peso das respostas

Item	Sim	Parcialmente	Não
1. Me sinto sempre feliz e satisfeito(a) como sou.	3	2	1
2. Sinto vergonha do jeito que sou.	1	2	3
3. Acho que tenho muitas qualidades boas.	3	2	1
4. Às vezes penso que não sirvo para nada.	1	2	3
5. Posso fazer muitas coisas tão bem quanto os meus colegas.	3	2	1
6. Acho que não consigo fazer nada direito.	1	2	3
7. Acho que sou uma pessoa de valor.	3	2	1
8. Às vezes me sinto um fracasso.	1	2	3

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A soma das respostas dos oito itens da Escala de Rosenberg (1979) resulta na pontuação que varia entre oito e 24 pontos. A obtenção de uma pontuação acima de 12 foi considerada uma autoestima positiva.

4.2.1.2 Questionário sobre a opinião de pais, professores e amigos quanto a si mesmos

Este questionário de pesquisa localizou-se logo abaixo do questionário anterior, com o objetivo de avaliar o autoconceito do próprio aluno quanto às opiniões de seus pais, professores e amigos sobre sua qualificação como estudante e a importância dessas opiniões.

O questionário conta com sete itens, cada um com duas opções de resposta, “SIM” ou “NÃO” (Quadro 2), sendo realizada uma análise quantitativa de cada item.

Quadro 2 – Questionário aos alunos e suas opções de resposta

	Item	Sim	Não
1.	Eu me considero um bom estudante?		
2.	Os meus pais me consideram um bom estudante?		
3.	A opinião dos meus pais é importante para mim.		
4.	Meus professores me consideram um bom estudante?		
5.	A opinião dos meus professores é importante para mim.		
6.	Os meus amigos me consideram um bom estudante?		
7.	A opinião dos meus amigos é importante para mim.		

Fonte: Elaborado pelas autoras.

4.2.1.3 Questionário aos professores sobre a influência da autoestima na aprendizagem

Com o objetivo de identificar, na percepção do professor, a influência da autoestima no desempenho escolar, foi aplicado aos professores um questionário com três questões discursivas; duas destas questões, de caráter positivo (SIM) / negativo (NÃO). As respostas foram analisadas e apresentadas estatisticamente no presente estudo. Foi discutido se a autoestima poderia influenciar o desempenho escolar de um aluno, como este professor avaliava a autoestima de um aluno com baixo desempenho e como seria a família desse aluno:

- quanto à visão dos professores:

- a) você acredita que a autoestima pode influenciar o desempenho do seu aluno? De que forma?;
- b) quanto aos alunos de baixo desempenho, você acredita que possuem uma boa autoestima ou acredita que podem ter uma baixa autoestima? Por quê?;
- c) no geral, como são as famílias dos alunos com baixo desempenho?.

4.3 Procedimento

A partir do consentimento da direção das escolas, foram postos, diante de cada turma, os objetivos da pesquisa, sendo omitida qualquer identificação do aluno e escola, sendo combinada a confidencialidade. As questões da “Escala de Rosenberg (1979)” (Quadro 1) e do “Questionário sobre a opinião dos pais, professores e amigos quanto a si mesmos” (Quadro 2) foram preenchidas coletivamente durante um tempo determinado, após ser explicado cada item. Do mesmo modo, foi aplicado aos professores o questionário sobre “A influência da autoestima na aprendizagem”.

Os dados foram coletados em três instituições escolares, uma pública e duas privadas¹, todas situadas em bairros próximos e periféricos no município de Cabo Frio (RJ). Para a preservação das instituições, foram aqui omitidos os seus nomes, conforme o combinado com os diretores para a pesquisa.

¹ A proporção de duas escolas privadas para uma pública se deu em virtude de as escolas particulares apresentarem poucos alunos do ano pesquisado. Os valores encontrados neste estudo foram transformados em porcentagem, a fim de eliminar possíveis erros decorrentes da diferença de quantidade de alunos das duas redes de ensino.

O trabalho foi realizado com professores de anos variados. A escolha do ano pesquisado entre os alunos, cursistas de turmas do 5.º ano do ensino fundamental, seguiu a idade sugerida por Coopersmith (1989). Segundo o autor, a partir dos dez anos, o indivíduo já se encontra aparentemente apto a pensar de modo abstrato e a ter desfrutado de experiências significativamente consideráveis, fazendo autoavaliações de maneira geral sobre si.

4.4 Análises estatísticas

Os resultados obtidos foram comparados por meio do teste não paramétrico de Mann-Whitney, mediante programa GraphPad Prism 4.0.

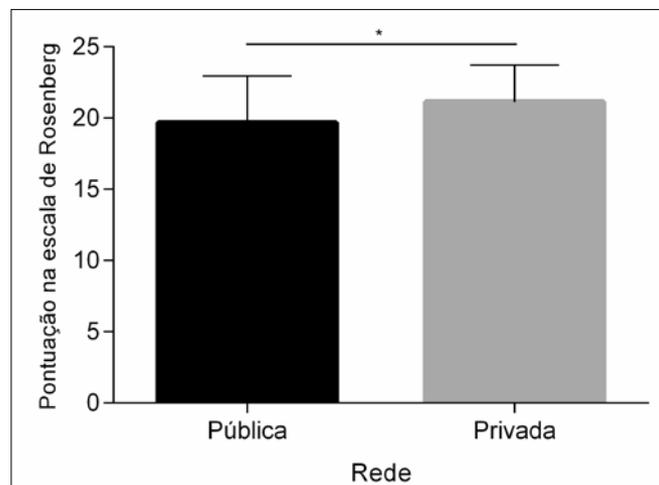
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar de a escala de Rosenberg (1979) ser um instrumento citado, nacional e internacionalmente, por muitos pesquisadores de diversas áreas, ainda são considerados poucos os estudos com este inventário no Brasil. Vale destacar que, mesmo sendo uma escala adaptada, pode não transparecer resultados específicos de indivíduos da nossa cultura.

5.1 Quanto a “si mesmo”

O resultado da instituição pública mostrou que, dentre os 82 alunos, sete atingiram pontuação abaixo da média de variação, entre oito e 24 pontos. Dentre estes, um aluno fez uma pontuação mínima de nove pontos. Dos 30 alunos de rede privada, dois perfizeram uma pontuação abaixo da média, com pontuação mínima de 14 pontos (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Comparação da pontuação dos alunos das redes de ensino pública e particular



Os resultados obtidos por alunos de escolas públicas (N = 82; Média = 19,3; Desvio padrão = 3,17) e particulares (N = 30; Média = 21,1; Desvio padrão = 2,68) foram comparados por meio do teste de Mann-Whitney. *p < 0,05.

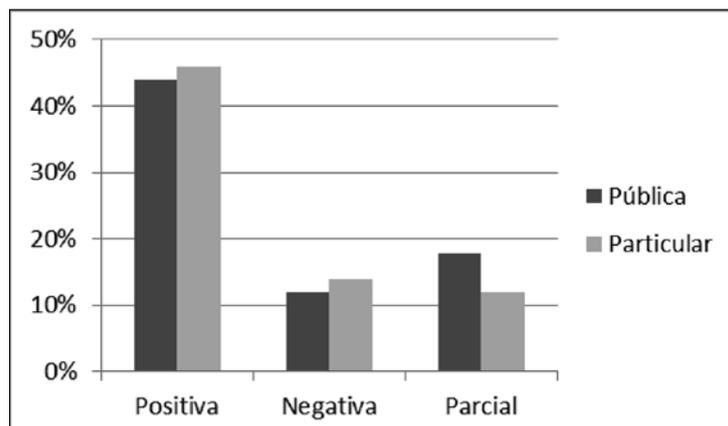
Fonte: Elaborado pelas autoras.

A média da pontuação dos alunos de rede pública foi de 19,3 (DP = 3,17), com uma variância de 10,08. Quando se compara às instituições privadas, encontram-se índices não muito distantes. Isto é, foi observada uma média de 21,1 (DP = 2,68), com uma variância de 7,21 (Gráfico 1).

Os resultados demonstram uma diferença estatisticamente significativa no autoconceito e autoimagem, nesta etapa, entre alunos da rede pública e privada (Gráfico 1). Desse modo, é possível perceber que os alunos de escolas públicas demonstraram não estar tão satisfeitos com o seu desempenho, em virtude da sua avaliação de si mesmo.

Os alunos de rede privada refletiram um percentual maior em respostas tanto positivas (SIM) quanto negativas (NÃO). Foi encontrado maior percentual de respostas parciais na rede pública de ensino, como pode ser demonstrado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Diferença entre categorias de resposta: eu me considero um bom estudante



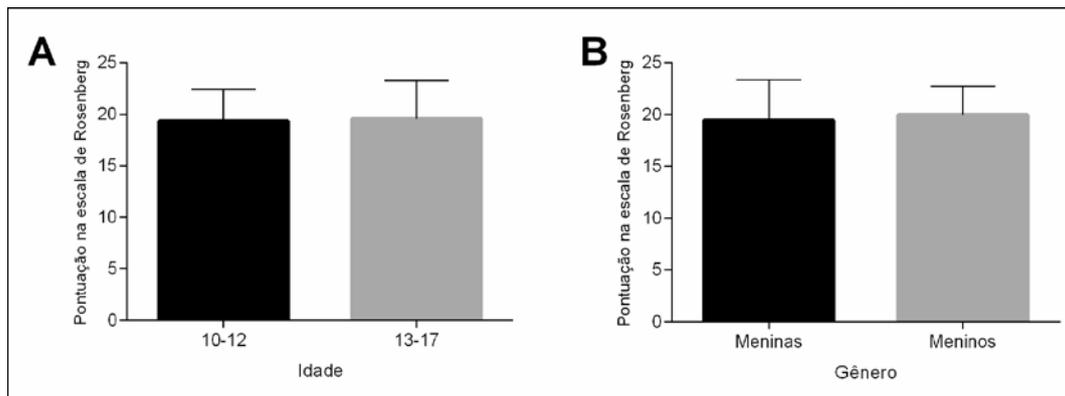
Fonte: Elaborado pelas autoras.

De acordo com a pesquisa, 55 alunos da rede pública, o equivalente a 67%, disseram que se consideravam bons estudantes; 21 alunos se classificaram como estudantes razoáveis (25,6%) e 4 alunos, como péssimos estudantes (4,8%).

Dos alunos de rede privada, 22 disseram ser bons estudantes (73,3%) e 6 alunos, como sendo razoáveis (26,6%). Não houve classificação de “péssimo estudante”.

Ao compararmos os testes de autoestima neste estudo, foi verificada uma média mais elevada em quase todas as dimensões da escala (Gráfico 2). Não foram observadas diferenças estatisticamente significantes em relação à idade pesquisada entre os estudantes das duas instituições, bem como em relação ao sexo (Gráfico 3), sendo encontrado o mesmo na pesquisa brasileira de Weber, Stasiack e Brandenburg (2003) e em estudos internacionais (GENTILE *et al.*, 2009; TWENGE; CAMPBELL, 2001).

Gráfico 3 – Comparação da pontuação dos estudantes de acordo com a idade e o gênero



A) Resultados obtidos por alunos de 10 a 12 anos (N = 68; Média = 20) e alunos de 13 a 17 anos (N = 14; Média = 19,5). B) Resultados obtidos para meninas (N = 45; Média = 20) e meninos (N = 62; Média = 20,5). Os valores foram comparados por meio do teste de Mann-Whitney. Não foram observadas diferenças estatisticamente significantes.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Sobre a diferença de autoestima entre os gêneros, não parece haver um consenso nas fontes literárias. Acredita-se que existam motivações possivelmente diferentes de autoestima entre eles. De acordo com Heatherton e Wyland (2003), a autoestima das meninas é mais fortemente influenciada pelos relacionamentos, enquanto a autoestima dos meninos é influenciada pelo sucesso de seus objetivos. Também no estudo de Coopersmith (1967), com o Inventário de Autoestima (SEI) - Forma A, as diferenças entre os sexos masculino e feminino não foram tão significantes.

5.2 Percepção dos alunos quanto aos pais, professores e amigos

De acordo com a pesquisa, 67% dos alunos de escolas públicas marcaram que seus pais os consideram bons estudantes; dos alunos de escolas privadas, 76,6%. Tanto os alunos de escolas públicas quanto os de escolas privadas marcaram “sim” sobre considerar importante a opinião dos seus pais ou responsáveis a seu respeito.

Com base nos resultados obtidos, pode-se inferir que existe uma relação entre autoimagem e autoconceito e a consideração de pais, professores e colegas. Levando-se em conta que a autoestima se dá pelo resultado de dois julgamentos internos, ou avaliações - e essas avaliações medem a discrepância entre o seu ideal de ser e aquilo que pensa ser -, considera-se que, sendo pequena essa discrepância, o indivíduo possui uma boa autoestima; no entanto, se grande, sua autoestima é baixa, pois percebe que não está conseguindo viver conforme gostaria (HARTER, 1990 *apud* BEE, 2003). Analisando-se os dados das escolas privadas e públicas, vimos que há um esforço para superar a expectativa dos pais ou responsáveis, a fim de se obter a classificação de “um bom aluno”. A parcela que assim não se considera pode estar criando um padrão alto de pensamento dessa categoria, que ainda não conseguiu alcançar.

A pesquisa também revelou que 60% dos alunos de escolas privadas disseram que seus professores os consideravam bons estudantes. Na escola pública,

esse percentual foi de 40%. Em relação à importância da opinião de seus professores, todos os alunos de escolas privadas e 92% dos alunos de escolas públicas declararam se importar com a opinião docente. Em relação ao apoio oferecido pelo professor, 74% dos entrevistados da escola pública e 20% das privadas responderam que gostariam de mais auxílio de seus professores.

Foi possível observar que os alunos realizam um grande esforço para alcançar a expectativa dos professores, a qual é considerada muito importante para os alunos das duas instituições. Assim, pode-se pensar que é criado pelos alunos um padrão de “bom aluno” maior do que o da opinião dos pais. Por isso, 40% dos alunos de escolas privadas consideravam-se abaixo desse padrão. Em escolas públicas, esse percentual chegou a 60%, ou seja, mais da metade da média. Isso pode ser confirmado também pelo quantitativo de alunos – 74% dos alunos da escola pública e 20% dos alunos de escolas privadas – que reivindicam mais apoio dos seus professores.

Quanto à influência dos colegas, nas escolas privadas, 60% acham que seus amigos os consideram bons estudantes, e 87% disseram que a opinião dos seus amigos era importante para eles. Na rede pública, 41,6% afirmaram tanto que seus amigos os consideravam bons estudantes como se importavam com a opinião deles. Nas instituições privadas, por sua vez, há um quantitativo acima da média com relação à importância da opinião dos amigos. Na pública, entretanto, observa-se o inverso, o que sugere uma estima baixa por parte dos colegas com relação aos estudos, juntamente com uma aparente desconsideração da maioria pela opinião dos colegas.

5.3 Quanto à visão dos professores

Quanto ao baixo desempenho de alguns alunos, 79% dos professores acreditam que esses estudantes podem ter também uma baixa autoestima. Já 21% dos professores acreditam que este rendimento não está ligado somente à questão de autoestima. Sobre a família, todos os professores concordaram que geralmente não é dada a atenção necessária aos alunos com baixo desempenho.

Foi possível perceber que os professores, de uma maneira geral, reconhecem a influência da autoestima no desempenho do aluno. Os que a correlacionam ao baixo desempenho apontaram a família como sendo o motivo de baixa autoestima.

Os professores, em suas respostas, não abordaram a possibilidade de serem influentes na autoestima do aluno. No entanto, o questionário não apresentou uma pergunta específica em relação a esse tipo de informação. Sendo assim, não se pode afirmar nem negar que eles desconhecem a sua influência na autoestima em relação ao desempenho do aluno.

Foram entrevistados 28 professores. Todos acreditam que a autoestima pode interferir no desempenho escolar do aluno.

6 CONCLUSÃO

A partir deste estudo, foi possível perceber que pais, professores e colegas contribuem, de maneira considerável, para a formação da autoestima (autoconceito e autoimagem) do aluno. Este estará em constante formação de conceito

sobre si, a partir da motivação externa, sendo, portanto, fundamental a qualidade de seus relacionamentos com as pessoas mais próximas.

Pela escala de Rosenberg (1979), entendemos que houve diferença estatística significativa de autoimagem e autoconceito ao se comparar alunos de instituições públicas e privadas. Porém, essas diferenças não foram significativas estatisticamente em relação ao gênero e à idade. As médias foram similares também quanto ao grau de exigência e importância dos pais, professores e amigos, com destaque para uma avaliação mais crítica com relação ao professor e aos colegas.

Tendo como tão importante a opinião dos professores, é possível observar tal influência acadêmica exercida na vida do educando. No entanto, o indivíduo precisa ser incentivado em todas as áreas de convivência, como destaca o estudo. Assim, pais, professores e colegas constituem-se, conjuntamente, em contribuintes importantes e fundamentais para o desenvolvimento de uma formação saudável.

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, N. W. *Diagnóstico e tratamento das relações familiares*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- BEDNAR, R.; PETERSON, S. *Self-esteem: paradoxes and innovation in clinical theory and practice*. Washington: American Psychological Association, 1995.
- BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BERMÚDEZ, M. P. *Déficit de autoestima: evaluación, tratamiento y prevención en la infancia y adolescencia*. Madrid: Ediciones Pirámide, 2001.
- BRIGGS, D. C. *A autoestima do seu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BROOKOVER, W. B.; THOMAS, S. E.; PATTERSON, A. Self-concept of ability and school achievement. *Sociology of Education*, Michigan, East Lansing, v. 37, n. 3, p. 271- 278, 1964.
- COOPERSMITH, S. *Coopersmith self-esteem inventory*. Palo Alto: Consulting Psychologists Press, 1989.
- COOPERSMITH, S. *The antecedents of self-esteem*. San Francisco: Freeman, 1967.
- DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. *Psicologia na educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez. 1994.
- DEFFENDI, Luma Tiziotto; SCHELINI, Patrícia Waltz. Relação entre autoestima, nível intelectual geral e metacognição em adolescentes. *Psicol. Esc. Educ.*, Maringá, v. 18, n. 2, p. 313-320, ago. 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/LqobtK>>. Acesso em: 26 fev. 2017.
- DIOGO, F. V. Relação familiar e autoestima. *Investigação*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 17-24, jan./abr. 2009.
- FONSECA, V. *Introdução às dificuldades de aprendizagem*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FORMOSINHO, J. O. E.; PINTO, C. A. Autoestima, autoconceito acadêmico, alienação e sucesso escolar. *Instituto de Estudos para o Desenvolvimento*, Lisboa, v. 2, n. especial, p. 129-144, maio 1986.

- GENTILE, B.; GRABE, S.; DOLAN-PASCOE, B.; TWENGE, J. M.; WELLS, B. E.; MAITINO, A. Gender differences in domain-specific self-esteem: a meta-analysis. *Review of General Psychology*, San Diego, v. 13, n. 1, p. 34-45, mar. 2009.
- GIORDANI, B. *La relación de ayuda: de Rogers a Carkhuff*. 2. ed. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1998.
- GOÑI, E.; FERNÁNDEZ, A. El autoconcepto. In: GRANDMONTAGNE, A. G. (Coord.). *El autoconcepto físico*. Madrid: Ediciones Pirámide, 2009. p. 20-38.
- GUENTHER, Z. C. *Educando o ser humano: uma abordagem da psicologia humanista*. Campinas: Mercado de Letras, 1997.
- HEATHERTON, T. F.; WYLAND, C. L. Assessing self-esteem. In: LOPEZ, S. J.; SNYDER, C. R. *Positive psychological assessment: a handbook of models and measures*. Washington: American Psychological Association, 2003. p. 219-233.
- JOSÉ, E. A.; COELHO, M. T. *Problemas de aprendizagem*. 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- MOSQUERA, J. J. M. *Vida adulta: personalidade e desenvolvimento*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 1987.
- MOSQUERA, J. J. M.; STOBÄUS, C. D.; JESUS, S. N.; HERMÍNIO, C. I. Universidade: autoimagem, autoestima e autorealização. *UNI revista*, São Leopoldo, v. 1, n. 2, p. 1-13, abr. 2006.
- PIAGET, J. Psicologia da primeira infância. In: KATZ, D. *Psicologia das idades*. São Paulo: Manole, 1988.
- ROSENBERG, M. *Conceiving the self*. New York: Basic Books, 1979.
- SBICIGO, J. B.; BANDEIRA, D. R.; DELL'AGLIO, D. D. Escala de autoestima de Rosenberg (EAR): validade fatorial e consistência interna. *Psico-USF*, Itatiba, SP, v. 15, n. 3, p. 395-403, set./dez. 2010.
- SISTO, F.; MARTINELLI, S. O papel das relações sociais na compreensão do fracasso escolar e das dificuldades de aprendizagem. In: SISTO, F.; MARTINELLI, S. *Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica*. São Paulo: Vetor, 2006. p. 26.
- STEVANATO, I. S.; LOUREIRO, S. R.; LINHARES, M. B. M.; MARTURANO, E. M. Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 67-76, jan./jun. 2003.
- TWENGE, J.; CAMPBELL, W. Age and birth cohort differences in self-esteem: a cross-temporal meta-analysis. *Personality and Social Psychology Review*, San Diego, v. 5, n. 4, p. 321-344, nov. 2001.
- VOLI, F. *A autoestima do professor: manual de reflexão e ação educativa*. São Paulo: Loyola, 1998.
- WEBER, L. N. D.; STASIACK, G. R.; BRANDENBURG, O. J. Percepção da interação familiar e autoestima de adolescentes. *Aletheia*, Canoas, v. 17, n. 18, p. 95-105, 2003.
- ZACHARIAS, J. *Bem-estar docente: um estudo em escolas públicas de Porto Alegre*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.